

WALDEN II UMA SOCIEDADE DO FUTURO

Em meados dos anos oitenta eu vivia o ápice de um conflito resultado de uma necessidade pessoal em processar e interpretar, de forma minimamente aceitável, um fenômeno chamado “diferenças sociais”. - 40 anos, família constituída, filhos criados, reconhecimento profissional, em plena e rápida ascensão pessoal, social e profissional. No entanto, o tema, “diferenças sociais” me atormentava muito.

Vim de uma família pobre, muito sofrida. Minha mãe criou três filhos sozinha lavando e costurando pra fora. Morávamos numa casinha de madeira de quatro peças, alugada num bairro distante, ou seja: perfil ideal para um futuro sombrio. Fui menino de rua. Eu e meus irmãos juntávamos objetos nas ruas para vender. Fiz de tudo, de engraxate a lavador de carros. Fui adolescente revoltado, aprontei de várias maneiras, mas minha mãe sempre me encaminhava para a escola, para os estudos (apesar das minhas negativas). Assim, apesar das condições indicarem um futuro marginal, eu, aos quarenta anos, era uma exceção!

Apesar disso tudo, eu não conseguia (e ainda não consigo) compreender o porquê das diferenças sociais num país tão rico como o Brasil, por exemplo. De um lado, pessoas absurdamente ricas e poderosa (uma minoria) e dominante e de outro, gente vivendo na miséria, num submundo de lutas pela sobrevivência.

Nessa época eu conheci o trabalho do Skinner, Walden II. Um livro escrito em 1945 após a segunda guerra mundial. Um romance que Skinner produziu para apresentar a sua teoria “de como um grupo de 1.000 pessoas poderia encontrar soluções para os problemas da vida diária com o auxílio da engenharia do comportamento”. Walden II foi criada, então, para esse experimento de longa duração.

A cidade foi construída numa área rural aonde existiam algumas fazendas, com lagos, represa, rebanhos, etc. Tratava-se de uma sociedade cooperativa, formada por pessoas não selecionadas, com gostos variados, sem modismos, sem horários, dentro de um esquema flexível no qual as pessoas produziam seus próprios alimentos e suas roupas. Os membros da comunidade não estavam desligados das suas cidades e culturas, mas

mantinham uma vida prática onde, por exemplo, as bandejas para as refeições eram de vidro para facilitar na limpeza.

Em Walden II não haviam empregados com salário. Nem mesmo havia dinheiro. Havia créditos de trabalho (CT) e cada membro pagava à comunidade, 1.200 CT por ano, equivalente a 4 créditos por dia de trabalho (1 hora de trabalho = 1CT) e existiam valores diferentes para tipos de trabalhos diferentes.

As normas eram instituídas por uma junta de planejadores formada por 3 homens e 3 mulheres por um período de 10 anos. Para cada setor da comunidade existia um administrador e até os cientistas, médicos, planejadores e administradores obtinham parte dos seus CT em serviços subalternos. Todo dinheiro ganho pelos membros pertencia à comunidade e, se alguém, um dia quisesse ir embora, não poderia levar consigo mais do que tinha quando chegou, ou seja, suas coisas e seus objetos pessoais.

Uma infinidade de atividades culturais e esportivas preenchia o tempo dos moradores, e qualquer um poderia se dedicar a qualquer tipo de atividade tomando aulas com professores de Walden II que recebiam então, CT equivalentes para dar ao aluno condições certas para desenvolver a sua genialidade.

Crianças de até 1 ano, eram criadas em grupos num berçário. Não usavam roupas, pois o ambiente era climatizado e isolado. Seus pais as visitavam e as levavam para passear, mas não viviam o tempo todo com os filhos. O alojamento das crianças de 1 a 3 anos também tinha temperatura controlada e as crianças não usavam roupas. Com técnicas da engenharia do comportamento humano, essas crianças recebiam treinamentos para aprender a lidar com as frustrações, Eram capacitadas a desenvolver o controle das emoções e a tolerância. Em Walden II, emoções do tipo ciúme e inveja não existiam, as crianças eram treinadas para superar essas emoções negativas e obter prazer e satisfação.

Havia grande variação nos QI das crianças, e como não havia rivalidade pessoal também não havia comparações de indivíduos. As crianças aceitavam as suas limitações e os Gênios podiam exprimir-se.

Não se praticava e nem se ensinava religião alguma em Walden II. Não havia poder dominante sobre o semelhante e o relacionamento com a sociedade e com o governo era ao nível essencial. Os membros faziam o que queriam dentro da sociedade cooperativa e os planejadores tinham um prazo determinado ao final do qual deixavam definitivamente suas funções. Com o passar do tempo, por conta dessas experiências e, almejando mais qualidade de vida, quando Walden II apresentou um número exagerado de membros, se desmembrou, os membros foram divididos e outras comunidades foram formadas. Alguns retornaram às suas origens, mas ao reverem situações cotidianas como a miséria e o sofrimento, tomaram a decisão de voltar.

Esse livro, não apontou para soluções mágicas. Afinal, outras teorias humanistas criticaram a proposta de Skinner, acusando-o de déspota por sugerir o planejamento antecipado do comportamento das pessoas e por controlar a liberdade delas. Outras sugeriram reflexões sobre questões como dignidade e integridade do indivíduo, liberdade pessoal e responsabilidade, características privadas pelo Socialismo. No entanto, se compararmos com países do 3º mundo, mais precisamente os mais pobres, compostos de povos sofridos que vivem na miséria, Walden II é um sonho. É infinitamente melhor viver em Walden II do que passar fome, não ter condições para o desenvolvimento social, cultural e profissional numa sociedade dita democrática como o Brasil, por exemplo.

A engenharia do comportamento humano pode controlar pessoas? Pode! A exemplo de vários poderes, essa ciência também pode ser utilizada para benefícios próprios de uma minoria, e mais, com uma grande possibilidade de sucesso. No entanto o livro apontou, pelo menos a mim, para um caminho chamado comprometimento e determinação, associado com competência. Com essas virtudes qualquer governo poderá dar o primeiro passo em direção à liberdade do seu povo e criar condições para uma sociedade justa.

Enquanto educador sempre que me é possível, tento passar aos meus alunos, alguns valores como respeito, humanismo, justiça, cidadania e moral, por exemplo, e sugestões de literaturas afins. Com essas intervenções posso não estar realizando grandes transformações, afinal estas não me cabem, não sou político, mas, estarei plantando uma

sementinha em alguns deles da mesma forma que em mim foi plantada pela professora Denise Heller quando sugeriu a um grupo de alunos a leitura de Walden II lá nos idos anos 80..

Infelizmente não são todos os educadores que se preocupam com “essas coisas”. O grupo de estudos da violência da UFPR concluiu em 2002 em um trabalho realizado com pais, alunos e professores financiado pela UNESCO, que os educadores em geral estão abrindo mão do seu papel de educadores e estão, cada vez mais, se limitando a “dar matérias”. Esses “educadores” muitas vezes são os hipócritas que vemos por aí, competentes no que diz respeito a sua capacidade didática e domínio da disciplina, mas que, no entanto, são vazios nos quesitos humanismo e responsabilidade social não se permitindo a um olhar mais crítico sobre o que temos para ver e o que podemos fazer, enquanto educadores, para mudar o mundo para melhor.